

Ruas numeradas, fantasmas portugueses, cidadãos moçambicanos – a ficcionalização do passado histórico no romance “Crónica da rua 513.2”, de João Paulo Borges Coelho

Doutoranda Ana Beatriz Matte Braun¹ (UFPR)

Resumo:

O objetivo deste trabalho é debater as possíveis ligações entre narrativa e ficcionalização do passado histórico no romance “Crónica da rua 513.2”, do moçambicano João Paulo Borges Coelho. O romance, publicado em 2006, mostra ao leitor como as relações de poder eram encenadas, por personagens habitantes de uma rua ficcional da cidade de Maputo, antes e depois da independência de Moçambique. A partir de uma breve síntese do panorama histórico e literário moçambicano, pretende-se analisar as estratégias empregadas pelo romance para problematizar as relações entre história e ficção, assim como as formas de construção e desconstrução da verossimilhança na narrativa – o que nos permite compreender as contradições e paradoxos de uma sociedade em busca de identidade.

Palavras-chave: literatura africana de língua portuguesa, romance histórico, identidade nacional

1 Introdução

O objetivo deste trabalho é discutir as relações entre história, ficção e a noção de verossimilhança no romance moçambicano *Crónica da rua 513.2*, de João Paulo Borges Coelho. Para tanto, julga-se necessário, em primeiro lugar, brevemente expor o panorama histórico e cultural de Moçambique, uma síntese da produção literária do autor, e algumas características da ficção contemporânea produzida no país.

Moçambique é um país localizado na costa oriental da África e que foi colonizado por portugueses. Quando chegaram ao território, no final do século XV, os europeus encontraram um sistema comercial sólido estabelecido por árabes e indianos, que até então monopolizavam as rotas comerciais no Índico. A partir daí, a presença portuguesa passou a ser mais constante, culminando na colonização exercida até o ano de 1975. Segundo Lopes,

falar de testemunhos da presença portuguesa no Moçambique actual implica esta referência à presença portuguesa, e ao mesmo tempo a compreensão do facto que Moçambique é hoje o resultado de uma variedade de presenças e influências culturais das quais a portuguesa é apenas uma, sendo a língua o elemento mais visível e dinâmico deste legado. (LOPES, 2004, p.17).

De fato, se a presença portuguesa se fez minoritária demograficamente na constituição da sociedade moçambicana, não é o que aconteceu no campo da literatura. As manifestações literárias anteriores ao século XX, além de circular em um universo de leitores extremamente restrito, eram produzidas sob o domínio da estética literária portuguesa vigente. Segundo Ana Mafalda Leite (2008, p.48), “será, com efeito, a partir da década de 30 do século XX que a literatura moçambicana pode começar a ser encarada como um sistema, época em que, em simultâneo, se desenvolve também a literatura colonial.” Ela afirma que devemos considerar, portanto, dois momentos distintos da produção literária moçambicana. Um, anterior à independência, ainda sob o predomínio do que a crítica chama de influxos externos, e outro posterior à independência, principalmente a partir da década de 80, marcado pela revitalização temática e pelo predomínio do gênero

romanesco.

Será a partir dos anos 2000 que João Paulo Borges Coelho começará a publicar. Moçambicano naturalizado, nasceu no Porto em 1955 e hoje é professor de História Contemporânea na Universidade Eduardo Mondlane em Maputo. Como pesquisador, interessa-se sobre o período colonial e de guerra civil pós-Independência do país. Como ficcionista, publicou *As duas sombras do rio* (2003), *As visitas do Dr Valdez* (2004), dois volumes de contos, *Índicos Índícios I. Setentrião* e *Índicos Índícios II. Meridião* (2005), *Crónica da rua 513.2* (2006), *Campo de trânsito* (2007), *Hinyambaan* (2008), *O olho de Hertzog* (2010) e *Cidade dos espelhos* (2011). João Paulo Borges Coelho define-se, portanto, como “praticante de ambos os ofícios – a história e a literatura” (COELHO, 2008, p.229).

Participante de uma cena literária muito recente, Borges Coelho privilegia o gênero romanesco. Sua obra está ancorada na condição essencialmente dual das temáticas literárias moçambicanas. Segundo Noa,

O que nos oferece o universo de ficção em Moçambique é, entre outros aspectos, a conciliação ou confrontação de múltiplas ordens e dimensões: o oral e o escrito, o latente e o manifesto, o tradicional e o moderno, o passado e o presente, o interdito e o permitido, o rural e o urbano, o nacional e o estrangeiro, o natural e o sobrenatural, o vivido e o imaginado, a vida e a morte, o local e o universal, a ordem e o caos, a cosmogonia e a escatologia. (NOA, 2008, p.44)

O fato é que as literaturas produzidas em África carregam intrinsecamente a marca da dualidade proveniente da colonização. Para Mendonça (2008, p.32), o passado de conflitos é percebido por meio da representação de oposições binárias; contudo, “em simultâneo, impõem-se-lhe as várias formas de relativismo trazidas por concepções do mundo, tendentes a desconstruir os vínculos que a inseriam num espaço e num tempo históricos.” Assim, se por um lado, afirmar-se como cidadão moçambicano significa combater a herança deixada pelo período colonial, negando veementemente os valores da portugalidade, é preciso compreender que as marcas da colonização não desaparecerão instantaneamente, pois estão presentes na fala (já que a nova nação adota a língua portuguesa como idioma oficial), na cultura, nos hábitos cotidianos, e, principalmente, na memória daqueles que viveram esse período. Desse modo, ao narrar o dia-a-dia dos habitantes de uma rua ficcional na cidade de Maputo, pouco tempo antes e logo após a Independência, o romance de João Paulo Borges Coelho situa o leitor em um momento histórico crucial para a jovem nação moçambicana: o momento de ruptura política com a colônia e o início da construção do novo país.

2 Narrativa, verossimilhança e o romance histórico

A idéia de transição está presente em todo o romance, que também explora os limites da representação verossímil. A brincadeira com, ou desconstrução do que é ou pode ser real começa com o nome da rua onde a ação do romance acontece. Antes da independência, a capital de Moçambique se chamava Lourenço Marques e suas principais avenidas tinham nomes que faziam referência a portugueses, a Portugal ou ao catolicismo. Após a independência, a cidade passa a se chamar Maputo, e os nomes das ruas são substituídos por outros, ideologicamente ligados às idéias do partido FRELIMO. Contudo, uma minoria das ruas de fato recebe um nome; a maior parte delas recebe um número, de acordo com um determinado sistema de mapeamento da área da cidade. Tal número é formado por um algarismo referindo-se à área geográfica, separado por um ponto de um segundo número referindo-se à ordem.¹ Portanto, alguém poderia dizer que reside na rua 1.301 ou ainda na rua 2.067 e assim por diante. Ora, a rua ficcional onde moram as personagens do romance chama-se 513.2, ou seja, uma versão deturpada, ou invertida, de um número que alguém esperaria

¹ Segundo informações contidas em <<http://www.timeout.co.mz/maputo/pmapcity.htm>>. Acesso em 06 abr. 2011.

encontrar de fato em Maputo. Entretanto, ainda assim é identificável para um leitor que conheça essa particularidade da capital moçambicana ligar o nome dessa rua ao nome de uma rua real, apesar da estranheza que a inversão da ordem numérica causa. É justamente esse, o nome das ruas, o tema discutido no primeiro capítulo do romance pelo narrador – o súbito apagamento dos nomes portugueses, sua substituição por datas comemorativas ou nomes revolucionários, e ainda a adoção do sistema de números.

Assim, além da ambiguidade em sua nomenclatura, a rua 513.2, com seu nome aritmético, representaria Moçambique urbano em uma microescala, pela diversidade étnica, racial, social e cultural de seus habitantes. Situada em local nobre e privilegiado de Maputo, “interposta entre o mar e o bairro do povo” (COELHO, 2006, p.17), nas palavras do narrador, antes da revolução era habitada em sua grande maioria por cidadãos portugueses ou de origem lusitana (um inspetor da polícia secreta, um mecânico de automóveis, um professor universitário, a concubina de um advogado) que, nos capítulos iniciais do romance, vão abandonando suas casas e fogem, por conta das incertezas provocadas pela revolução. A rua, contudo, não fica desabitada por muito tempo. Assim como aconteceu com as casas situadas nas ruas da Maputo do mundo real, a rua 513.2 passa a ser ocupadas por moçambicanos de diversas origens e classes sociais: um representante da FRELIMO, um burocrata, uma família da nova classe média, um militar, um funcionário público. Além deles, há o indiano Valgy, morador da rua antes e depois da revolução, em uma clara referência à presença dos indianos no território moçambicano muito antes da chegada dos portugueses.

Aqueles que fugiram retornam às suas casas, mas como fantasmas, formando curiosos pares de cidadãos moçambicanos e fantasmas portugueses. Por exemplo, Monteiro, ex-inspetor da PIDE², e o secretário Filimone, do partido FRELIMO, ideologicamente opostos, como se formassem uma oposição binária, mas ao mesmo tempo unidos pela crença desmedida em seus próprios valores. Ou ainda Arminda, ex-prostituta de luxo transformada em concubina de um advogado, passa a conviver com os Mbeve, família moçambicana nuclear, monogâmica, patriarcal, em ascensão social. Convivem, portanto, harmônica e conflituosamente, assim mesmo, dessa maneira paradoxal, como foi (e de certa forma ainda é) a convivência entre os habitantes de Moçambique.

Döblin afirma que os leitores de um romance, e em especial do romance histórico,

querem confessadamente poder acreditar, a partir do romance inventado, no que é dito, e estas coisas, se não representam fatos históricos, têm de ser ao menos possíveis. Recai, portanto, sobre o autor uma dupla tarefa: de um lado, de oferecer uma reconhecível e convincente realidade, se não temporal, com certeza espacial; de outro lado, fazer algo para que o romance se integre nesta realidade, que represente uma parte dela. (DÖBLIN, 2006, p.17)

Assim, o leitor de ficção demandaria coerência física, causal, política, social e psicológica de um romance que pretenda ser histórico, sendo que tais coerências delimitariam o espaço de ação do romance. Ou seja, a narrativa ficcional histórica teria que estar amarrada a determinadas convenções para que o leitor de fato considerasse tal relato historicamente possível. No romance de João Paulo Borges Coelho, o que vemos é verossimilhança na caracterização das personagens – perfeitamente compatíveis com o tipo de habitante que se espera encontrar vivendo em Maputo. Contudo, ao longo da narrativa, o leitor se depara com fatos que não podem, a princípio, ser considerados verossímeis, tais como a transformação da personagem Tito Nharreluga, um moçambicano migrante do norte que vem a Maputo em busca de trabalho. Pego pela polícia moçambicana cometendo furtos, é levado para um campo de reeducação. Tais campos (questão ainda controversa), seriam prisões de trabalhos forçados destinados àqueles considerados inimigos do novo governo. Contudo, há relatos sobre sua existência, fotos, depoimentos historicamente

² Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

comprováveis³. Tito morre em um desses campos, mas retorna à narrativa como um *nguluvi*, uma entidade climática capaz de falar e controlar tempestades, pertencente ao imaginário cultural nativo africano.

O leitor, portanto, confronta-se com dois episódios da trajetória da personagem, um deles historicamente crível e verossímil, e o segundo, relativo às crenças religiosas africanas ancestrais e por consequência, relacionados à fé e não à ciência – inverossímil para muitos. Dentro da narrativa, duas outras personagens parecem de fato crer na transformação de Tito: o indiano Valgy, já qualificado como louco pelo narrador e outras personagens, e o Comandante, cuja sanidade também poderá ser questionada. Entretanto, a questão se torna mais intrigante na medida em que o próprio narrador aceita sem questionar a possibilidade do morto ter se transformado em uma espécie de deus do tempo. Isso é um problema para o leitor, já que o narrador mesmo põe em dúvida a credibilidade do relato que se propôs a narrar.

3 Historicidade e experiência

Se a questão acima colocada parece por em risco a possibilidade de o leitor ver historicidade na *Crónica da rua 513.2*, a suposta desconstrução da verossimilhança na narrativa pode significar o desejo de questionar a existência de uma única realidade possível de ser contada, pela perspectiva do relato historicizado, linear, e portanto eurocentricamente orientado. A história de Tito Nharreluga mostra ao leitor que há, no imaginário moçambicano, dois tipos de orientação: uma marcada pelo ocidente, científica, letrada, e outra marcada pela africanidade, pelo relato oral, e pela tradição autóctone. Pois, ao dar ênfase à variedade étnica que desde sempre foi marca da sociedade moçambicana, assim como ao percurso político e cultural percorrido pela nação e, principalmente, o legado e a herança colonial, João Paulo Borges Coelho investiria, segundo Chaves,

na representação de uma fase da história recente do país, situando o jogo narrativo num espaço urbano, onde as transformações foram mais evidentes desde o início do processo instalado com a independência. Não se trata de qualificar as modificações que o processo histórico legou à vida das pessoas, de classificar as marcas com que alguns destinos foram selados, mas de tentar apreender os novos quadros em que tiveram, precisaram ou quiseram se inserir. (CHAVES, 2008, p.193)

Logo, a experiência histórica seria apreendida pelo leitor por meio da interpretação de fatos que condicionam a existência das personagens, não sendo por si só determinante nem decisiva no enredo do romance. Se os portugueses são agora fantasmas, isso se deve à revolução. A presença dos fantasmas na narrativa não é determinante para o desenrolar dos acontecimentos, servindo mais como uma materialização espectral da memória e imaginário colonial ainda fortemente presente na consciência das personagens moçambicanas. Em contraste, a africanidade está igualmente representada na narrativa, relacionada, em especial, com a personagem Tito Nharreluga.

Nesse sentido, é importante destacar a posição do narrador, onisciente, que mostra ao leitor o cotidiano dos moradores da rua sem a pretensão de, como afirmado acima, qualificar ou classificar, mas de simplesmente tentar compreender a forma como a sociedade se reconfigura ante tantas mudanças. Outras vezes, assume uma posição de cronista, e em ainda outras, a voz de uma coletividade moçambicana, como se aqueles que moram na cidade do caniço, a periferia da cidade de Maputo, os menos favorecidos na escala social, observassem o que acontece na rua e contassem, de longe, a história do novo país, mas entretanto sempre de um ponto de vista externo, periférico, meros expectadores dos acontecimentos.

No entanto, identifica-se no romance também uma forte aproximação entre experiência individual, memória e história, no sentido de

³ Informações disponíveis em <http://macua.blogs.com/moambique_para_todos/2008/01/oa-campos-da-ve.html>

construir histórias particulares vinculadas aos desejos, às expectativas de comunidades, em particular às comunidades que foram marginalizadas, ou às identidades reprimidas, e que, com o recurso do passado, tentam fundamentar sua identidade reconquistada ou afirmada, seja em nível da identidade nacional dos novos Estados-nações, ou no das identidades étnicas, religiosas, sexuais, etc. (CHARTIER, 2001, p.170).

Enquanto sociedade multiétnica e plural, a sociedade urbana moçambicana, retratada no romance em microescala, precisa, a partir do marco histórico que foi a proclamação da independência nacional, reorganizar-se e reconfigurar-se. Se antes as relações desiguais de poder e exploração aconteciam entre colonizadores e colonizados, agora elas foram deslocadas e encenam-se como lutas entre forças sociais nativas, contradições internas e fontes de desestabilização no interior da sociedade descolonizada (HALL, 2003, p.21).

Conclusão

A busca pela estabilização parece ser alcançada, ao fim do romance, melancolicamente, pela construção de muros, “muros altos” que separam, não unem aqueles que são tão diversos mas ao mesmo tempo iguais. Retomando Lopes e Noa, citados no início deste trabalho, a condição ambígua e ao mesmo tempo de duplicidade é inerente à moçambicanidade. Estendo tais paradoxos, que são complementares, às relações entre as personagens no romance, à condição de seu narrador, à própria relação entre a literatura e a história, e à própria condição do autor, historiador/ficcionista, português do Porto mas incontestavelmente africano e moçambicano.

Lukács diz que o conceito de sentido histórico é “a criação de possibilidades concretas para que os indivíduos percebam sua própria existência como algo condicionado historicamente, para que percebam que a história é algo que intervém profundamente em sua vida cotidiana, em seus interesses imediatos.”(ZILBERMAN, 2003, p. 116). Igualmente, pode-se pensar que a ficção de João Paulo Borges Coelho deseja manter-se engajada na construção de uma moçambicanidade que percebe na pluralidade os caminhos para sua constituição.

Referências Bibliográficas

CHARTIER, Roger. As práticas da história. In: **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.

CHAVES, Rita. Notas sobre a ficção e a história em João Paulo Borges Coelho. In: RIBEIRO, Margarida; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Moçambique: das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

COELHO, João Paulo Borges. **Crónica da rua 513.2**. Lisboa: Ndjira, 2006.

COELHO, João Paulo Borges. Escrita académica, escrita literária. In: RIBEIRO, Margarida; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Moçambique: das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

DÖBLIN, Alfred. O romance histórico e nós. In: **História: questões e debates**. Curitiba: Editora da UFPR, ano 23, n. 44, jan./jun. 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**. Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. Tópicos para uma história da literatura moçambicana. In: RIBEIRO, Margarida; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Moçambique: das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

LOPES, Armando Jorge. **A batalha das línguas**. Perspectivas sobre linguística aplicada em Moçambique. Maputo: IUEM/Fundação Universitária, 2004.

MENDONÇA, Fatima. Literaturas emergentes, identidades e cânone. In: RIBEIRO, Margarida; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Moçambique: das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

NOA, Francisco. Literatura Moçambicana: os trilhos e as margens. In: RIBEIRO, Margarida; MENESES, Maria Paula (orgs.). **Moçambique: das palavras escritas**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.

ZILBERMAN, Regina. O romance histórico – teoria e prática. In: **Lukàs e a literatura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

i Ana Beatriz Matte BRAUN, Doutoranda
Universidade Federal do Paraná (UFPR)
Departamento de Pós-Graduação em Letras
anabeatrizbraun@yahoo.com.br